

**M  
O  
N  
O  
G  
R  
A  
F  
I  
A**

***RENATO BROLEZZI***

**A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE:  
SÍLVIO ROMERO  
E A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL**

**IFCH/UNICAMP  
Ano 1, nº 2, 1991**

A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE:  
SÍLVIO ROMERO  
E A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL

Renato Brolezzi



**Monografia premiada no II Concurso de Monografias  
de alunos dos Cursos de Graduação do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Helóisa André Pontes**



## ÍNDICE

Introdução	09
a) O ponto de partida	09
b) A prioridade do problema	11
c) A prioridade da <i>História da Literatura Brasileira</i>	15
I - Fatores da Literatura Brasileira	19
a) A literatura	19
b) A raça	24
c) O meio físico e social	30
d) A imitação estrangeira	33
e) A mestiçamento como síntese futura	34
II - Para Além dos Fatores	41
a) Os livros segundo, terceiro e quarto	41
b) Determinismo e relativismo.	46
III - A Importância da Crítica	51
a) A inovação da crítica romeriana	51
b) O juízo de valor	53
Conclusão	57
a) O sentido da identidade nacional	57
b) A possibilidade de outras questões	60
V - Bibliografia	63

## **FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Publicações**  
**Sidney Chalhoub**  
**Suzete Motta Augusto**  
**Tom Dwyer**

**Setor de Publicações**  
**Mada Penteadó**  
**Maria Cimélia Garcia**  
**Magali Mendes**  
**Marilza A. Silva**

**Gráfica**  
**Adilson Coimbra**  
**Carlos Alberto M. de Lima**  
**Marcos Josué Pereira**  
**Marinês Monteiro Rodrigues**  
**Sebastião Rovaris**

**IFCH/UNICAMP**  
**Caixa Postal 6.110 - CEP 13.081 - Campinas - SP**  
**Tel.: (0192) 39.8342**  
**Telex (019) 1150 - Telefax (0192) 39.3327**

**“Independência literária, independência científica, reforço da independência política do Brasil, eis o sonho de minha vida. Sejam eles a tríplice empresa do futuro. Tenhamos confiança!”**

**Sílvia Romero**



## INTRODUÇÃO

### A) O ponto de partida

A procura de parâmetros definidores da verdadeira essência do caráter nacional brasileiro é uma questão cara ao pensamento social em nosso país. No final do século XIX, o debate intelectual brasileiro tinha precisamente no tema da identidade nacional um de seus grandes veios de discussão.

Segundo o pensamento de grande parte dos intelectuais do século passado - e, dentre estes, pensadores aglutinados em torno da chamada Escola do Recife - o conhecimento global da realidade brasileira passava, antes de tudo, pela investigação objetiva e minuciosa dos fatores que a determinavam. Somente dessa maneira produzir-se-ia um saber autêntico e verídico sobre o Brasil, condição indispensável para a construção de um moderno Estado-Nação, passaporte para a modernidade e para a transformação do panorama social, político e econômico, pensado como anacrônico. Além disso, a identidade nacional - o que afinal definiria e distinguiria o Brasil perante as demais nações - seria assim alcançada.

Um membro em particular dessa geração de pensadores se destaca pelo tratamento ímpar que confere a esse conjunto de problemas: o sergipano Sílvio Romero (1851-1914). Fortemente influenciada pelas doutrinas científicas européias - como o determinismo, o evolucionismo e o darwinismo social - a produção intelectual de Romero realiza um grande esforço no sentido de

apontar a especificidade nacional, através do rastreamento dos seus elementos constitutivos.

Afinal, a ciência ocidental começava a consolidar os seus pressupostos exatamente no final do século em questão, e ídolos românticos como o “gênio”, a “nação ideal” e uma certa ênfase nos sentimentos como via de acesso à verdade começavam a ser destruídos. A palavra de ordem era dessacralizar o fantástico, edificar um conjunto de verdades irrefutáveis que permitisse a articulação de um discurso preciso e legítimo sobre a “realidade”, dotado de uma neutralidade garantida pela exorcização de qualquer influência subjetiva.

O debate intelectual no Brasil desse momento certamente se situa nesse contexto. Questões se colocavam de modo decisivo: - como se posicionar diante do inquestionável discurso europeu que pregava a inferioridade moral e biológica de todo grupo racial não pertencente ao tronco ariano? O que dizer sobre o mestiço, que além das qualidades negativas seria portador de uma ameaçadora periculosidade? Como pensar a especificidade do Brasil, distinguindo-o do conjunto das nações condenadas à perpétua servidão e ao desempenho de um papel medíocre face à humanidade?

Sustentamos que a produção intelectual brasileira da passagem do século é, em certa medida, uma resposta - que se desdobra internamente em uma variada gama de matizes, segundo cada autor - a esse conjunto de problemas que se colocava como central e perturbador. Ao se “apropriarem” dos conceitos e das explicações dos grandes mestres do Velho Mundo, os intelectuais brasileiros não estavam realizando uma transposição meramente passiva, uma cópia pura e simples dessas idéias, mas estavam buscando um certo arcabouço teórico capaz de sistematizar as próprias inquietações que os afligiam.

Dessa maneira, esses intelectuais - mais precisamente Sílvio Romero, que será tratado por nós - lêem e interpretam as teorias da ciência do século XIX segundo um olhar bastante peculiar. Perdendo de vista este dado, corremos o risco de empobrecer pe-

rigosamente os sentidos presentes no pensamento desses autores.

Este trabalho tentará precisamente compreender como o pensamento de Sílvio Romero se constitui a partir desse jogo de tensões, e quais as “soluções” principais elaboradas por ele.

## B) A prioridade do problema

Diante da tarefa de abordar um pensador como Sílvio Romero, algumas dificuldades se colocam inevitavelmente. Afinal, Romero deixou como parte constitutiva de sua vida e obra a imagem de polemista exaltado, acusado constantemente pelos seus contemporâneos de ser levado pelas contradições e vacilações de seu próprio discurso, de se entregar cegamente às doutrinas científicas européias sem digeri-las o suficiente, de ser, enfim, agressivo em demasia. Naturalmente, há uma grande carga de exagero nessas críticas feitas ao autor, mas não podemos ignorar que a produção de *paradoxos*, de torções, é uma das características essenciais e distintivas de Romero.

Como ressalta o professor Antonio Candido, “a obra de Sílvio Romero dá uma certa idéia de turbilhão, no sentido próprio e no figurado. Um movimento forte e agitado, que arrasta idéias e paixões, destruindo pelo caminho; um movimento circular que gira incessantemente sobre si mesmo e progride, parecendo permanecer. Não espanta, portanto, que bem cedo ele tenha parecido aos contemporâneos contraditório, impaciente, injusto, mais apto para a generalização do que para a análise”.<sup>1</sup> Desse modo, nossa tentativa de compreensão do pensamento de Romero nos remete para questões absolutamente essenciais: Como dar conta desse “turbilhão” sem enquadrar o autor em esquemas rígidos e sem reduzi-lo a causas explicativas externas? O que “perguntar” a ele? Enfim, quais as *condições de possibilidade* da presente interpretação?

---

<sup>1</sup> Antonio Cândido, *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*, RJ, Livros Técnicos e Científicos, EDUSP, 1978, pg. IX.

Poder-se-ia exercer sobre Romero uma análise que se pautasse pela rotulação do autor como conservador, portador de um discurso que prega a “democracia racial”, mas que mantém a idéia da superioridade branca, ou até acusá-lo de “pré-científico”, pelo uso de conceitos como raça e meio - dessacralizados em nosso tempo. No entanto, ao proceder dessa maneira, estaríamos dissolvendo grande parte da complexidade da construção teórica de Sílvio Romero. As múltiplas imagens e questionamentos subjacentes aos seus textos se perderiam, seriam reduzidos a uma única interpretação que pretenderia esgotar a realidade em nome do desmascaramento das “intenções verdadeiras” do autor, correndo-se o risco da anulação da própria historicidade do seu pensamento.

Logo, a “pergunta” que faremos ao autor deve se situar em outro lugar. Não se trata de perguntar somente pelos possíveis efeitos que o uso de categorias como raça possam trazer, mas procurar compreender por que esse conceito se impôs como peça chave no raciocínio de Romero. A própria dinâmica da produção conceitual do autor nos conduziria, assim, para um conjunto de questões que não encontrariam suas soluções definitivas apenas ao nível das suas conseqüências, mas que apontariam para a densidade dos possíveis sentidos da própria obra .

Segundo Victor Goldschmidt, “parece que haveria duas maneiras distintas de interpretar um sistema; ele pode ser interrogado, seja sobre sua verdade, seja sobre sua origem; pode-se pedir-lhe que dê razões, ou buscar suas causas”.<sup>2</sup> Essas duas posturas diversas sugerem a distinção entre um “método dogmático” - que toma os “dogmas” do autor neles mesmos, em sua pretensão de verdade - e um “método genético” - que considera os

---

<sup>2</sup>Victor Goldschmidt, “Tempo Histórico e Tempo Lógico na interpretação dos sistemas filosóficos” in *A Religião de Platão*, SP, Difusão Européia do Livro, 1963, pg. 139. Apesar de circunscrever a discussão no interior dos sistemas filosóficos, as idéias de Goldschmidt tiveram ampla repercussão em vários ramos das Ciências Humanas, sistematizando uma nova postura metodológica.

“dogmas” como efeitos, cujas causas externas devem ser rastreadas. Pautar-se pelo primeiro método significa respeitar o “tempo lógico” do texto, tomá-lo como uma unidade em si, onde a cadeia de razões estruturada internamente é o único fio-condutor a ser seguido pelo intérprete. Já o segundo pressupõe a imersão da obra em uma temporalidade que a ultrapassa, que lhe é exterior e que contém a “causa” de sua produção. Na verdade, os dois métodos não se opõem de modo absoluto, mas respondem a duas questões de naturezas diversas, são dois pontos de vista diferentes.

Parece-nos que se seguirmos o “método dogmático” sérias dificuldades surgirão, já que Sílvia Romero, como vimos, não pode ser caracterizado como o protótipo do autor que se pauta pelas idéias claras e distintas. A lógica interna dos seus escritos não obedece à coerência conceitual que se imagina: pelo contrário, provoca o tempo todo voltas e reviravoltas. A coerência de seu discurso, como tentaremos demonstrar, pertence a uma outra ordem.

No entanto, se nos guiarmos pelo “método-genético”, correremos um sério risco, o de ver Sílvia Romero apenas como um produto do contexto agitado e fervilhante do Brasil no final do século XIX, empunhando a bandeira da Escola do Recife.

O pressuposto que adotamos como ponto de partida desta análise é um certo deslocamento do “método dogmático” proposto por Goldschmidt. Diante da imensa produção de Sílvia Romero, escolhemos - de um modo não arbitrário, como se verá - a *História da Literatura Brasileira* como “objeto”. Nossa tentativa é mostrar que as condições externas de possibilidade de produção da obra e a sua estrutura interna não são excludentes, desde que os conceitos explicativos formulados pelo autor sejam interpretados como, eles próprios, respostas a certas questões que os perpassam e lhes dão sentido. Essas questões seriam anteriores aos próprios conceitos, seriam até sua razão de ser. No entanto, os conceitos continuam sendo o *único meio* de acesso a uma possível compreensão do texto. Assim, os conceitos produ-

zidos pelo autor deixam de remeter apenas à estrutura lógica da obra; passam agora a nos remeter também a algo que os extrapola, embora esse algo só possa ser apreendido imanentemente ao próprio texto.

Esse pressuposto confere, dessa maneira, prioridade aos problemas que animam e dão sentido à obra. A inteligibilidade dos conceitos explicativos é alcançada não quando os encaramos como simples proposições lógicas, nem quando buscamos as causas do discurso alheias e externas a ele próprio, reduzindo-o a outras esferas, mas somente quando tomamos esses conceitos e, *a partir deles*, empreendemos uma busca daquilo que os inspira. O sentido do conceito está nele, mas não é produzido por ele, somente. Essas idéias nos remetem a Deleuze: "Mas, precisamente, gerais ou particulares, as proposições só encontram seu sentido no problema subjacente que as inspira. Só a Idéia, só o problema é universal. Não é a solução que confere sua generalidade ao problema, mas o problema que confere sua universalidade à solução".<sup>3</sup>

Não estamos propondo uma leitura deleuziana de Sívio Romero, é bom que se esclareça. Antes, seremos dirigidos pela *História da Literatura Brasileira*, e, em seu turbilhão, tentaremos interpretar as questões que a mesma carrega em si e lhe conferem sentido.

A análise será uma "ida e volta" constante ao longo da obra, pois os conceitos de Sívio Romero não se dispõem linearmente. Dotado de um incessante movimento, o texto do autor pauta-se acima de tudo pela sua dinâmica interna, onde as coisas se recusam a permanecer em um único lugar por muito tempo.

---

<sup>3</sup>Gilles Deleuze, "A imagem do pensamento", in *Diferença e Repetição*, R.J. Graal, 1988, pg. 265. Mais adiante, o autor completa: "Um problema não existe fora de suas soluções. Mas, em vez de desaparecer, ele insiste e persiste nas soluções que o recobrem. Um problema se determina ao mesmo tempo em que é resolvido; mas sua determinação não se confunde com a solução: os dois elementos diferem por natureza, e a determinação é como que a gênese da solução concomitante" - pg. 267.

O leitor percebe que estamos considerando a obra do autor como uma trama densa que comporta vários significados. Nossa tarefa como intérpretes será guiada pelo objetivo de sistematizar um ponto de vista possível acerca dessa complexidade. Esta interpretação não será tão ambiciosa a ponto de realizar uma completa “etnografia do pensamento” de Romero, tal como enunciada por Geertz,<sup>4</sup> já que nos deteremos apenas sobre a produção dos conceitos explicativos do autor tal como aparece em uma de suas obras. Mas, apesar disso, a proposta de Geertz permanece como inspiradora da análise que agora se inicia.

### C) A prioridade da *História da Literatura Brasileira*

No prólogo da primeira edição da *História da Literatura Brasileira*,<sup>5</sup> o próprio Sílvio Romero define o momento em que escreve como aquele da “crítica imparcial, equidistante da paixão pessimista e da paixão otimista, que nos têm feito andar às tontas”.<sup>6</sup> Na verdade, essa imparcialidade jamais será atingida

---

<sup>4</sup>Clifford Geertz, “The way we think how: toward an Ethnography of modern thought”, in *Local Knowledge. Further essays in interpretative anthropology*, New York, Basic Books, 1983, cap. VII, pp. 147-163.

<sup>5</sup>Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, Tomos primeiro e segundo, RJ, H. Garnier Livreiro Editor, 1902, 2ª edição (melhorada pelo autor). A partir de agora, nos referiremos a ela simplesmente pela sigla *HLB*. Alguns esclarecimentos se fazem necessários. A primeira edição da *HLB* data de 1888, mas optamos pela edição de 1902 devido ao fato de esta conter alguns esclarecimentos adicionais por parte do autor: Também tomamos a liberdade de transcrever as frases citadas segundo a ortografia vigente em nossos dias. A terceira edição de 1943, editada pela José Olympio Editora, não apresenta a mesma estruturação das edições anteriores. O professor Néelson Romero, filho de Sílvio, no intuito de apresentar ao público outros textos do pai que se encontravam esparsos os incluiu justamente nessa edição da *HLB*. A opção pela segunda edição visa ser mais fiel ao espírito da obra original.

<sup>6</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. X.

por Sílvio, mas não há dúvidas que estamos diante da obra de maturidade do autor.<sup>7</sup>

No mesmo prólogo citado acima, Sílvio Romero anuncia logo de início sua grande preocupação sobre os novos problemas que surgem no Brasil, como a abolição dos escravos e a grande instabilidade vivida pelo regime imperial.

Dizendo ser tarefa do escritor debruçar-se sobre tais assuntos, inicia uma dissertação que passa por vários temas sociais e políticos.

Procura demonstrar como a luta contra a escravidão remonta aos “anos da colonização” e que, na verdade, “a raça negra foi liberta, porque merecia sê-lo, e quem a libertou foi principalmente o povo brasileiro”,<sup>8</sup> e não os esforços de um homem ou de um grupo. Afinal, a tese da “emancipação autônômica e popular” se realizou, com uma progressiva liberdade sendo concedida aos negros ao longo do tempo. Vai além: se o governo central não tivesse se adiantado, a abolição se daria naturalmente, de acordo com a vontade espontânea do povo brasileiro.

Mas a evolução do povo não se restringe somente a esse episódio. Juntamente com a queda da escravidão, anuncia-se a República como a nova ordem política. A posição de Romero é bastante clara: “Sou sectário da república *unitária*, livre, autônoma, compatível com a boa e vasta descentralização administrativa e econômica e compatível também com a unidade política, espiritual e étnica do país”.<sup>9</sup> Porém, devemos evitar “macaquear os norte-americanos”, pois “nossa índole nacional” deve servir sempre de modelo primeiro.

---

<sup>7</sup> “Em 1888, finalmente, Sílvio publica a obra de que todos os seus trabalhos anteriores haviam sido por assim dizer as fases preparatórias; a obra que os resume a todos e, sendo a maior deixada por ele, é das mais importantes da nossa literatura e do nosso pensamento: a *História da Literatura Brasileira*”, in Antonio Candido, *O método crítico de Sílvio Romero*, SP, EDUSP, 1988, pg. 70.

<sup>8</sup> Sílvio Romero, *HLB*, pg. XIV.

<sup>9</sup> *Ibid.*, pg. XX.

No entanto, continua ele, a passagem da antiga ordem monárquica para o novo momento republicano não pode se dar bruscamente, pois “psicologicamente”, o povo brasileiro ainda está aquém das novas responsabilidades. Antes do advento da República descentralizada, é preciso “educar, disciplinar este povo para o *self government*”.<sup>10</sup>

Desse modo, a reforma do ensino - entendida da maneira mais vasta possível - é condição *sine qua non* para que o povo do Brasil consiga se constituir solidamente.

Mas, afinal, se o autor se propõe a escrever uma história da literatura, então por quais motivos começa o livro dessa forma, com um certo tom quase panfletário? Na verdade, o ecletismo de Romero deve ser entendido no sentido amplo do termo, pois ao abordar a ciência, a política e a literatura, supomos haver uma “sensibilidade” e um “projeto” mais geral que interligam todas essas esferas em um mesmo movimento incessante produtor das suas idéias. Não devemos esquecer, porém, que o modelo de carreira intelectual do século XIX no Brasil não supõe uma separação nítida entre o trabalho propriamente intelectual e o trabalho político. No caso de Sívio Romero a relação entre essas áreas ganha uma conotação bastante estreita.

---

<sup>10</sup>Ibid., pg. XXII.



## I FATORES DA LITERATURA BRASILEIRA

### A) A literatura

Durante todo o livro primeiro da *HLB* - que possui o mesmo título deste segmento - Sívio Romero tenta explicitar teoricamente os fatores que constituem e determinam a literatura brasileira. Também constata a grande pobreza do Brasil no terreno das letras, ainda considerado um apêndice de Portugal. Define o objetivo central da sua empreitada: "seu fito é encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro" e "mostrar as relações de nossa vida intelectual com a história política, social e econômica da nação".<sup>11</sup>

Impossível avançarmos se não compreendermos o que Romero entende por literatura:

"Cumpre declarar, por último, que a diferença proposta não se guia exclusivamente pelos fatos literários; porque para mim a expressão *literatura* tem a amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: - política, economia, arte, criações populares, ciências ... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *belas-letras*, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na poesia!"<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup>Ibid., pg. 6.

<sup>12</sup>Ibid., pg. 9.

Sílvio Romero, desse modo, formula um conceito de literatura absolutamente revolucionário para o Brasil de sua época. Rompendo com a visão dominante até então, considera a obra literária como o ponto de aglutinação de uma série de fatores que a determinam. Ela deixa de ser analisada como uma unidade regida somente pelas leis internas da forma e do “bom gosto” para se colocar como resultado final de um *processo*. Assim, entender e explicar uma obra literária significa rastrear as *leis* segundo as quais os fatores étnicos, ambientais, políticos, etc. se articulam entre si e geram como produto final a obra. Romero opera um deslocamento de perspectiva: da literatura como dado formal, passa a concebê-la como capaz de conter sinteticamente em si “todas as manifestações da inteligência de um povo”.

Se torna mais claro o porquê da necessidade de se dedicar ao estudo da literatura brasileira. Através dela, o caráter brasileiro que se encontra em formação pode ser melhor analisado; pois via literatura de um povo, temos condições de mapear toda a vida espiritual e até institucional do mesmo. Antes de ser apenas um objeto estético, uma obra literária é um documento capaz de revelar a alma do povo que a gerou, desde que nos remetamos aos seus processos constitutivos.<sup>13</sup>

<sup>13</sup>Sílvio Romero toma como seus grandes mestres em crítica literária principalmente Scherer e Taine. Não é nosso intento aqui emprendermos uma pesquisa sobre as fontes teóricas que influenciaram nosso autor. Cabe apenas ressaltar que a concepção de que os fenômenos contêm em si um universo que os ultrapassa enquanto tais é exatamente uma das teses de Taine: “Quand vous observez avec vos yeux l’homme visible, qu’y cherchez-vous? L’homme invisible. Ces paroles qui arrivent à votre oreille, ces gestes, ces airs de tête, ces vêtements, ces actions et ces oeuvres sensibles de tout genre, ne sont pour vous que des expressions; quelque chose s’y exprime, une âme. Il y a un homme intérieur caché sous l’homme extérieur, et le second ne fait que manifester le premier. (...) Voilà un nouveau monde, monde infini, car chaque action visible traîne derrière soi une suite infinie de raisonnements, d’émotions, de sensations anciennes ou recentes, qui ont contribué à la soulever jusqu’ à la lumière, et qui, semblables à de longues roches profondément enfoncées dans le soleil, atteignent en elle leur extrémité et leur affleurement. C’est ce monde souterrain qui est le second objet, l’objet prope de l’historien”. in H. Taine,

Tal remissão deve se pautar por critérios objetivos e científicos de análise. Romero, bem como toda sua geração intelectual, deposita uma grande fé nos pressupostos científicos de seu tempo. O próprio fenômeno literário é, por natureza, regido segundo as mesmas leis que determinam o surgimento e a evolução da vida biológica:

“A poderosa lei da concorrência vital por meio da seleção natural, a saber, da adaptação e da hereditariedade, é aplicável às literaturas, e à crítica incumbe comprová-la pela análise dos fatos.”<sup>14</sup>

“A hereditariedade representa os elementos estáveis, estáticos, as energias das raças, os predicados fundamentais dos povos; é o lado nacional nas literaturas. A adaptação exprime elementos móveis, dinâmicos, genéricos, transmissíveis de povo a povo; é a face geral, universal das literaturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensáveis, ambas produtos naturais do meio físico e social.”<sup>15</sup>

O esforço para definir o caráter nacional brasileiro, assim, não pode se converter em um ufanismo cego. A imitação grosseira dos países europeus se revela um mal de iguais proporções. A grande dificuldade que se impõe ao pensamento de Sílvio Romero será resolver o duplo problema de explicar e demonstrar a especificidade da alma brasileira - nossa *herança* passada, nossas tradições, a história da evolução do espírito brasileiro - e articular essa especificidade ao contexto universal das nações e povos. Afinal, é inconcebível uma nação permanecer isolada das outras, pois se atrofiaria e ficaria totalmente à margem do processo uni-

---

*Histoire de la Littérature Anglaise*, Introduction, Paris, Hachette, 1905, 12<sup>a</sup> edição, pg. XI-XII.

<sup>14</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 10.

<sup>15</sup>*Ibid.*, pg. 10.

versal que atua sobre os espíritos, sendo este um fenômeno ao nível da humanidade.<sup>16</sup>

É preciso seguirmos uma certa ordem de abordagem, como sugere o próprio Sílvio. No intuito de desvendar inicialmente as causas profundas daquilo que é específico do Brasil, “deve-se começar por conhecer a fundo as diversas teorias da história do Brasil, e pelo estudo deste problema, compreender a sucessão das escolas literárias entre nós”.<sup>17</sup>

Sílvio Romero passa em revista os teóricos da história do Brasil mais importantes do seu tempo: Martius, Buckle, Theophilo Braga, Oliveira Martins, etc. Apesar de apontar elementos positivos em cada um deles, detecta em todos o mesmo defeito: o de serem extremamente descritivos. A tarefa primordial do investigador da história é a busca de *nexos causais* “cientificamente demonstrados”, estabelecendo bases sólidas para a compreensão da autêntica especificidade de um povo:

“A teoria da história de um povo parece-me que deve ser ampla e compreensiva, a ponto de fornecer uma explicação completa de sua marcha evolutiva. Deve apoderar-se de todos os fatos, firmar-se sobre eles para esclarecer o segredo do passado e abrir largas perspectivas na direção do futuro. Seu fim não é mostrar o que esse povo tem em comum com os outros; sua obrigação é ao contrário exibir os motivos das originalidades, das particularidades, das diferenciações desse povo no meio de todos os outros. Não lhe cumpre só dizer, por exemplo, que o Brasil é o prolongamento da cultura portuguesa a que se ligaram vermelhos e negros. Isto é muito descarnado e seco; resta ainda saber como estes elementos atuaram e atuarão uns sobre os outros e mostrar as causas de seleção histórica que nos vão afastando de nossos antepassados”

---

<sup>16</sup>Veremos como a busca da identidade nacional, em Sílvio Romero, não é um empreendimento que se esgota em si. É fundamentalmente um “primeiro passo”, diante de um movimento muito mais geral, onde o que está em jogo é a própria evolução global da espécie.

<sup>17</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 11.

dos ibéricos e de nossos vizinhos também filiados na velha cultura ibera.”<sup>18</sup>

Através da análise da literatura brasileira, desvendar-se-á as causas que a tornam possível. Essas causas explicam também qual a especificidade do caráter nacional brasileiro - já que a literatura é uma cristalização, um produto deste, aliado aos fatores externos mais gerais. A história não pode se pautar pela teoria do livre-arbítrio dos agentes, pois existem leis precisas que determinam o seu desenvolvimento - lembremo-nos da comparação com a biologia. Logo, o historiador deve seguir um método “à luz das idéias científicas que vivam na atualidade”.<sup>19</sup> Mesmo que a ciência não seja totalmente infalível, ela é o único instrumento passível de ser utilizado pelo crítico e pelo historiador.

Romero afirma que a história é uma “quase ciência”, pois ainda não alcançou o grau de certeza da física, da matemática, da astronomia. O historiador não pode se pautar apenas segundo dados sociológicos, pois o autor identifica como grande modelo a ser seguido - mas não copiado simplesmente - os “processos fundamentais das ciências naturais”.

A literatura é como um organismo vivo, sendo seu vigor ou sua apatia determinados por condições que são, na maior parte, externas. Para Sílvio, a história da literatura brasileira “é antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial têm sido: o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira”.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup>Ibid., pp. 20-21.

<sup>19</sup>Ibid., pg. 22.

<sup>20</sup>Ibid., pg. 4. Convém ressaltar que não existe em Sílvio Romero um determinismo rígido. Apesar de leis naturais implacáveis atuarem, estas só o fazem mediante condições específicas dadas. No caso brasileiro, a configuração *sui generis* que terá lugar possui causas precisas, mas poderia ter sido dada de um outra forma, caso outros fatores tivessem sido historicamente colocados.

## B) A raça

Sendo uma nação ainda jovem, o Brasil é pensado por Romero como uma unidade ainda em vias de constituição. Como vimos, um dos fatores essenciais que atuam nesse processo é o racial. Quando fala em etnia ou grupo étnico, Sílvio confere uma conotação bem particular a esses termos: ainda que se aproxime mais uma vez à biologia,<sup>21</sup> já ocorre um enfraquecimento considerável das afirmações de algumas páginas atrás. Isto porque o autor concebe um grupo étnico como um conjunto de qualidades físicas e morais que se completam; se há leis físicas que, sofrendo a influência externa do meio, determinam um certo tipo fisiológico, há também “leis mentais” específicas para cada grupo étnico, que interagem com a primeira.

Uma etnia não se confunde imediatamente com uma raça. Enquanto o elemento racial impõe os limites dados pela natureza, há o *fator humano* que se desenvolve moralmente a partir dessa base inexorável, produzindo sua especificidade enquanto etnia. Sílvio Romero, valendo-se dessas distinções, afirma que o povo brasileiro não é um grupo étnico característico ainda, já que a base racial está indeterminada.

O Brasil não é uma nação de negros, índios ou de brancos, dirá o autor. Será o produto de um *sub-raça* resultante da fusão desses três componentes. A face étnica do país só pode ganhar feições mais nítidas no futuro, pois sua matriz originária está em processo de constituição.

Desse modo, é urgente compreender as características das três raças que atuam no Brasil, pois Sílvio Romero tem convicção

---

<sup>21</sup>Cabe ressaltar que a antropologia tomada por Sílvio Romero como referência define-se como uma disciplina de transição entre as ciências da natureza e as ciências da sociedade (estas, não propriamente ciências). Apesar de tratar o homem e suas produções culturais como um fenômeno biológico, não são possíveis explicações totalmente deterministas e precisas, pois o fator humano desempenha um papel igualmente considerável, introduzindo a liberdade - ainda que relativa - como elemento gerador de entropia. Não obstante, os “antropologistas” nos quais se baseia são Broca, Vogt, Agassiz, Gobineau.

de que sua época presencia um momento absolutamente decisivo para o futuro de seu país. Sem nenhum conhecimento mais seguro sobre o processo de amálgama racial, corre-se o terrível perigo de se ficar à mercê do livre jogo dos acontecimentos.<sup>22</sup>

Uma ressalva. Sílvio Romero não hipertrofia nenhum dos fatores, já que considera a todos como componentes relativos que, em conjunto, determinam o fenômeno em questão. Não se pode explicar a especificidade do Brasil unicamente pela raça, ou pelo meio, mas pela relação de todos estes entre si. Como vemos, nosso autor foge de qualquer reducionismo simplista, do mesmo modo que recusa um determinismo férreo.

Das três raças que, historicamente, se fizeram presentes no Brasil, Sílvio considera a branca como a mais decisiva. O português colonizador “sem ser o único, é o principal agente da nossa cultura”.<sup>23</sup> Iniciando sua exposição, o autor identifica o tronco racial dos iberos como pertencendo à família dos semitas e arianos. Essa procura das raízes portuguesas é fundamental para o esquema explicativo de Sílvio Romero, pois somente um mapeamento exaustivo das origens e das transformações históricas de cada raça em questão pode fornecer a chave da inteligibilidade das mesmas.

“Portugal oferece um espetáculo singular na história: o século de sua florescência foi também o século de seu desmoronamento”.<sup>24</sup> Os colonos portugueses possuíam uma cultura homogênea quando aqui chegaram, mas a ruína do império luso imediatamente após suas conquistas maiores inviabilizou qualquer projeto de colonização planejada e eficiente das novas terras. Some-se a isso a “índole do caboclo” - leia-se índio -

---

<sup>22</sup>Lembremos: embora se subordinem a certas leis, as articulações dos diversos fatores entre si também dependem da fatalidade histórica. Somente a partir de uma dada configuração de forças é que tais articulações começam a acontecer de maneira cada vez mais intensa - o que não impede que uma ruptura ocorra.

<sup>23</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 57.

<sup>24</sup>*Ibid.*, pg. 58.

refratária à cultura européia. O resultado é a ausência de comunicação entre os lugarejos e vilas, a quase estagnação cultural no Brasil desses primeiros tempos.

O "regime mental" reinante em Portugal e transposto para a colônia também se constituiu como um entrave ao sucesso civilizatório:

"Era o tempo transitório da *Renascença* e da *Reforma*, época de renovamento, de que o velho reino não pôde tirar largos proveitos. O regime teocrático, ajudado pelos jesuítas, amordaçara a nação, que na América viu nos índios mais os hereges que deviam ser extirpados do que os braços que podiam ser aproveitados."<sup>25</sup>

No entanto, alguns portugueses - os bandeirantes - acabaram impondo uma derrota sobre os jesuítas e caboclos. Mas o balanço final feito por Sílvio da atuação dos lusos sobre o Brasil tem pontos positivos e negativos:

"Ao português devemos a colonização por uma raça européia, seu sangue e suas idéias, que nos prendem ao grande grupo de povos da civilização ocidental. Pertencente, porém, ao grêmio dos povos ibero-latinos, trouxe-nos também seus prejuízos de toda casta, políticos, sociais, religiosos, econômicos e tantos males crônicos que lavram n'alma daqueles povos."<sup>26</sup>

Passemos ao índio. Para abordar as raças indígenas brasileiras, é necessário para Sílvio uma explanação prévia sobre as raças indígenas da América do Sul e debater as teorias sobre a origem do homem.

Citando uma quantidade enorme de pensadores, como Morton, Littré, Lamarck, entre outros, reconhece a tese da unidade das espécies vivas, mas se diz partidário da origem poligenista do homem:

---

<sup>25</sup>Ibid., pp. 59-60.

<sup>26</sup>Ibid., pg. 60.

“Agassiz provou que as raças humanas distinguem-se entre si na mesma proporção em que se distinguem a fauna e a flora de sete ou oito centros diversos do mundo. Estes *reinos de criação*, como ele os chamou, ou *reinos de aparição*, na frase de Rialle, oferecem a singularidade de que os homens neles originados aproximam-se dos antropóides do respectivo *habitat*.”<sup>27</sup>

Assim sendo, as raças americanas definem-se pelo seu autoctonismo, não sendo um “sub-produto” de outras. Porém é inquestionável, baseando-se na ciência de seu tempo, que as mesmas se encontram em um estágio evolutivo inferior do que aquele alcançado pela civilização européia. Sílvio Romero procura, a seguir, definir com um certo grau de precisão o estágio em que se encontravam os índios brasileiros, valendo-se dos “achados da crítica moderna”:

“O que mais interessa consignar é que o tupiguarani, tendo passado da pedra lascada, já empregava a polida.”<sup>28</sup>

Sílvio se baseia largamente nas informações recolhidas por viajantes e estudiosos como Ivo d'Evreux, Hervas, Martius, Baptista Caetano. Mas não deixa de criticá-los quanto à ênfase excessivamente descritiva e por vezes fantasiosa de suas notas; afirma novamente a necessidade de uma determinação objetiva do fenômeno estudado:

“O estudo do regime mental de uma raça não se determina senão à vista do complexo de suas crenças e de suas idéias. Na ordem das armas e dos utensílios o índio estava na idade da pedra; na esfera das indústrias era caçador; nas idéias religiosas estava no período do teologismo puro. no segundo momento do fetichismo: - a astrolatria. Não podia ser monoteísta.

---

<sup>27</sup>Ibid., pg. 62.

<sup>28</sup>Ibid., pg. 67.

Também não era politeísta, como parece ensinar o Dr. Couto de Magalhães...”<sup>29</sup>

Um dos pontos centrais de ataque de Sílvio Romero ao romantismo brasileiro será precisamente a difundida tese do indigenismo. Abominando qualquer análise que identifique o índio como depositário de uma tradição milenar brasileira, nosso autor reconhece no índio uma raça importante para nossa constituição étnica, mas evita “os exageros e desvairios românticos”. Assim como o branco e o negro, também a importância do índio deve ser relativizada levando-se em conta o conjunto.

“Resta-me falar dos povos negros que entraram em nossa população. Eram quase todos do grupo *bantú*. São gentes ainda no período de fetichismo, brutais, submissas e robustas, as mais próprias para os árduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar.”<sup>30</sup>

Sílvio se revolta contra o esquecimento a que foi relegado o negro pelos pesquisadores brasileiros. Afinal, nada justifica, segundo ele, que a cegueira quanto a esse importante elemento constitutivo ainda continue a prevalecer. O autor tem a pretensão de ser o primeiro a restabelecer o negro ao seu devido lugar. Aliando as qualidades físicas às morais, situa a importância do negro do seguinte modo:

“O negro é adaptável ao meio americano; é susceptível de aprender; não tem as desconfianças do índio; pode viver ao lado do branco, aliar-se a ele. Temos hoje muitos pretos que sabem ler e escrever; alguns formados em direito, medicina, ou engenharia; alguns comerciantes e ricos; outros jornalistas e oradores. Ao negro devemos muito mais do que ao índio; ele entra em larga parte em todas as manifestações de nossa atividade. Cruzou muito mais com o branco.”<sup>31</sup>

<sup>29</sup>Ibid., pp. 69-70.

<sup>30</sup>Ibid., pg. 74.

<sup>31</sup>Ibid., pg. 74.

## C) O meio físico e social

A ação do meio sobre a produção de um caráter nacional, e conseqüentemente sobre a produção de uma literatura, se desdobra em vários aspectos. Podemos apontar basicamente três: o clima, o relevo e as condições econômico-sociais. Este último pode ser entendido como já um efeito do meio físico, mas que acaba atuando novamente como causa ao longo do desenvolvimento evolutivo, quase como um mecanismo de “retroalimentação”.

Quanto ao clima e ao relevo, seria interessante acompanhar o comentário de Sílvio acerca das idéias de Henry Thomas Buckle. O pensador inglês dedica essas passagens à flora e à fauna do Brasil:

“Em suas franças aninham-se pássaros de esplêndida plumagem, que pousam em seus altos e escuros recesos. Por baixo, suas bases e troncos são embaraçados por matos rasteiros, plantas trepadeiras, inúmeros parasitas, tudo borbulhando de vida. Ali existem em demasia miríades de insetos de todas as variedades, répteis de forma estranha e singular, serpentes e lagartos listrados com fatal beleza; todos acham meios de existência nesta vasta oficina e armazém da natureza. E para que nada falte a esta terra de maravilhas, as florestas são cercadas por enormes prados, que, fumegando de calor e de umidade, suprem com alimento manadas de inumeráveis gados silvestres, que pastam e engordam em suas ervas; as planícies próximas, ricas de outras formas de vida, são a morada predileta dos animais mais sutis e ferozes, que prêm uns aos outros, porém que parece nenhum poder humano ter esperanças de extirpar. (...) Entre esta pompa e esplendor da natureza porém nenhum lugar foi deixado para o homem! (...) É reduzido à insignificância pela majestade que o cerca.”<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup>Traduzido e citado por Romero na *HLB*, pg. 31. A obra de Buckle, *History of Civilization in England*, data de 1857.

Sílvio Romero aponta o exagero como o dado mais marcante nas idéias de Buckle. Baseando-se na maior parte das vezes apenas em relatos de viajantes, geralmente fantasiosos, como ressalta, o escritor britânico conferira um poder supremo às condições naturais, hipertrofiando o fator meio como causa explicativa. Mas Buckle vai além, identificando como o agente mais decisivo para o fato do Brasil permancer inculto e selvagem o "trade-wind" (ou "ventos alísios"), que provocaria um deslocamento de massas de ar sobre o território brasileiro, causando umidade constante. Chuvas torrenciais teriam lugar, e aliadas ao insuportável calor, atuariam diretamente sobre as condições biofisiológicas do homem brasileiro, gerando nefastas conseqüências em seus hábitos, como a apatia, a fraqueza, etc. Logo o atraso cultural do povo brasileiro seria uma fatalidade climática e espacial acima de tudo.

"Buckle é verdadeiro na pintura que faz de nosso atraso, não na determinação de seus fatores",<sup>35</sup> aponta Sílvio. Somente o clima ou as condições mesológicas não explicam, diz ele, a grandeza ou decadência de um povo. O atraso relativo do nosso povo se deve a vários elementos conjugados: fatores naturais - o excessivo calor e a umidade, bem como as epidemias periódicas; fatores étnicos, ou seja, a incapacidade relativa das três raças que nos constituem; e fatores históricos ou morais, como a política, a legislação, usos e costumes arraigados, que, como vimos, atuam também como obstáculos ao desenvolvimento nacional.

Chegamos assim ao meio social. Apesar da riqueza aparente, o Brasil não possui uma economia pujante nem uma sociedade civil estruturada segundo normas aceitáveis e definidas pela civilização européia. Na política, o regime de privilégios e exclusões, a ausência de instituições sérias e representativas, o mandonismo ainda prevalecem e, o que é mais grave, a República não conseguiu modificar esse quadro em nada. Mais sombrio

---

<sup>35</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 41.

ainda é o diagnóstico feito por Sílvio quanto à economia brasileira:

“Lançando as vistas sobre o Brasil por este lado, vejo que possuímos hoje uma lavoura arruinada, um comércio quase todo estrangeiro, uma pequena indústria nos centros populosos, de que nem se deve falar, e em duas ou três províncias a criação de gados. Quanto à primeira, fundada em grandes propriedades, que têm os nomes extravagantes de *fazendas* e de *engenhos*, retalhou o país em vastos lotes, verdadeiros restos das antigas capitánias, onde algumas dúzias de enfatuados bachás moviam ainda há pouco sem piedade o *bacalhau* nos pobres negros e não raro o azorrague nos *agregados*. Estes são uma espécie de *boêmios*, sem domicílio certo; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, têm de pôr os trastes às costas e mudar-se.”<sup>36</sup>

Urge, portanto, uma atuação decisiva para modificaer tal estado de coisas. O clima e o relevo oferecem grande resistência às transformações, mas o homem pode modificar o meio social, e deve fazê-lo, pois caso contrário permanecerá escravo de um fator que bem poderia ter ao seu lado. Afinal,

“as nações sem descanso, ocupadas exclusivamente em adquirir o indispensável à vida, não podem ter uma cultura, que exige uma classe de indivíduos que estejam resguardados da obrigação penível de conquistar o pão cotidiano. (...) o *primo vivere* é tão certo para os povos como para os indivíduos; o homem antes de ser um ente histórico é um indivíduo biológico.”<sup>37</sup>

De tudo isso, podemos dizer que o pensamento de Romero rejeita isoladamente solo, clima e fatores sócio-econômicos como produtores diretos do caráter nacional. Ocorre que o meio

---

<sup>36</sup> Ibid., pg. 96.

<sup>37</sup> Ibid., pg. 94.

atua sobre as raças, oferecendo-lhe condições favoráveis ou desfavoráveis de desenvolvimento e evolução. O meio pode ser um fator que impulsiona ou retarda o progresso de um povo, mas não o determina de uma maneira decisiva. O grande perigo para um povo é este se tornar alheio às enormes e brutais forças que o cercam, já que nessa verdadeira luta do homem contra a natureza, a consciência parece ser uma arma indispensável e quase única a favor do primeiro.

#### D) A imitação estrangeira

“Tanto quanto se deve aos povos fracos aconselhar que busquem exemplo nas grandes nações criadoras, eu avisara os brasileiros das vantagens que lhes podem advir da lição das gentes anglo-germânicas.”<sup>38</sup>

O trecho deixa claro a simpatia de Sílvio pelas nações do norte europeu, em especial pela Alemanha. Considerada por ele como a pátria dos renovadores da crítica e da ciência do século XIX, busca inspiração nos seus exemplos para combater o que, no seu entender, seria uma verdadeira praga brasileira: a imitação fútil e afetada dos modelos estrangeiros, mais especificamente dos franceses.

“É ainda uma das idéias mais queridas da intuição anglo-germânica a guerra à centralização do pensamento nacional, a oposição à imitação do *parisismo*. ‘O Brasil é o Rio de Janeiro!...’ dizemos, macaqueando inconscientemente a frase - ‘A França é Paris!...’.”<sup>39</sup>

A capacidade de diferenciação do espírito nacional não pode ser compatível com a centralização intelectual, social e política. Também não podemos nos tornar meros copiadore das produções culturais estrangeiras. Devemos, isso sim, buscar

---

<sup>38</sup>Ibid., pg. 103.

<sup>39</sup>Ibid., pg. 107.

relações com os “países civilizados” de modo amplo e fecundo. A crítica de Sílvio ao “parisismo” não significa um desprezo pela França; pelo contrário, encara de modo relativamente positivo o fato do Brasil ter abandonado o modelo português e se lançado rumo a outras culturas. Mas uma grande perversão estaria ocorrendo: Paris teria se transformado em uma febre. As elites intelectuais e sociais brasileiras, em especial os poetas românticos adeptos de Victor Hugo, praticamente se consomem em copiar e reproduzir os sentimentos, a moda, o estilo, os hábitos de consumo dos parisienses. Era como se a rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, se tornasse um boulevard francês.<sup>40</sup>

Tanto que “os nossos mais ousados talentos dão-se por bem pagos quando imitam mais ou menos regularmente algum modelo estranho”,<sup>41</sup> contribuindo negativamente para o progresso do seu país. A atitude de ouvir e seguir alguns “conselhos” dos povos mais aquinhoados é extremamente útil e necessária para a formação do povo brasileiro como um grupo étnico coeso e forte, mas se nos abandonarmos aos ventos externos sem qualquer objetivo maior a ser seguido, nada restará para o futuro.

Enquanto nossos homens de letras não se voltarem para a realidade brasileira, munidos das idéias mais sublimes consagradas pelos seu tempo, a literatura brasileira não será forte e capaz de expressar as pulsões espirituais do povo que a gera; enquanto isso não se der, ela continuará sendo uma pálida extensão do vigor das outras nações. Eis o desabafo irado de Sílvio Romero contra grande parte dos intelectuais de seu tempo.

### E) O mestiçamento como síntese futura

Como vimos, a fusão das três raças primordiais aliada à ação do meio tende a gerar um novo tipo racial e étnico: o *mestiço*,

<sup>40</sup>A esse respeito, consultar o excelente livro de Brito Broca. *A vida literária do Brasil - 1900*, RJ. José Olympio, 1975, 3ª edição, em especial o capítulo “A sedução de Paris”, pp. 91-102.

<sup>41</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 103.

sendo este “o produto fisiológico, étnico e histórico do Brasil; é a forma nova de nossa diferenciação nacional”.<sup>42</sup> No entanto, esse mestiço é algo totalmente novo, que *não* se confunde com o mulato ou com o emboaba.

Sílvio argumenta do seguinte modo: é notório o desaparecimento progressivo das populações indígenas, seja através da inconseqüente ação do homem, seja através das doenças e epidemias que castigam a raça índia. Abandonada aos seus algozes, ela tende a se extinguir progressivamente. No caso dos negros, findo o tráfico de escravos e derrotada a própria escravidão, o seu número tende a diminuir, ou no máximo a se estabilizar. O crescente cruzamento entre negros e brancos gerará um lento embranquecimento da sua raça, até que ela perca suas características originárias. Já com o branco, um fenômeno inverso se processa: a migração cada vez mais crescente de populações européias para o Brasil, em especial portugueses, alemães e italianos, tem garantido, e tudo indica que garantirá, a preponderância numérica da raça branca - não mais o português somente, mas agora também outros ramos da raça ariana e semita. Como:

“Sabe-se que na mestiçagem a seleção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração européia, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca...”, “dentro de dois ou três séculos, a fusão étnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado.”<sup>43</sup>

Desse modo,

“o mestiço, que é a genuína formação histórica brasileira, ficará só diante do branco quase puro, com o qual se há de, mais cedo ou mais tarde, confundir.”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup>Ibid., pg. 75.

<sup>43</sup>Ibid., pg. 55.

<sup>44</sup>Ibid., pg. 54.

Mas essa confusão é apenas aparente, pois uma *transformação fisiológica* teria lugar, gerando uma nova etnia. É claro, porém, que essa nova raça - ou "sub-raça" - não eclipsará o elemento europeu, como fará com as duas raças inferiores.

Pode-se identificar um componente de racismo no pensamento de Sílvio Romero, mas a presente exposição não pretende embrenhar-se nos juízos de valor. Convém apenas dizer que a rotulação de "racista" não consegue compreender o que está em jogo. Não se trata de falarmos em "vitória" da raça branca sobre as demais, pois

"a palavra *mestiçagem* aqui não exprime somente os produtos diretos do branco e do negro e do índio; expressa em sentido lato todas as fusões das raças humanas e em todos os graus no Brasil, compreendendo também as dos diversos ramos da raça branca entre si."<sup>45</sup>

De fato, Romero insiste no pressuposto da desigualdade natural das raças e na superioridade da raça branca. Mas não deriva daí a necessidade do predomínio da raça branca. Sílvio sugere que, historicamente, uma certa configuração de fatores foi dada e, a partir desta, a *tendência* mais ou menos previsível é o surgimento do mestiço que se aproxime do branco. Mas o autor nos alerta para certas "circunstâncias anômalas e retardatárias", que podem modificar os rumos do processo e comprometer de morte a formação do caráter nacional brasileiro.

Entre esses perigos, certamente o descaso institucional seria um dos mais graves. Tomemos o exemplo dado pelo autor: ausência de uma política séria no tocante a imigração estrangeira tem gerado a excessiva concentração de populações alemãs no sul do país. Com o tempo, Sílvio prevê trágicas conseqüências, pois haverá uma resistência quase intransponível dessas populações em se adaptarem ao Brasil e em cruzarem com as outras raças. O projeto sonhado de unidade do povo brasileiro pode estar já

---

<sup>45</sup>Ibid., pg. 76.

comprometido, graças a cegueira dos mandatários nacionais. O ideal certamente seria evitar tais concentrações, descentralizar a imigração e estendê-la às outras regiões do país, favorecendo o contato inter-racial e acelerando o processo de diferenciação do caráter brasileiro. Nada é garantido e necessário, Sívio Romero vive a hesitação constante de ver a qualquer momento seus sonhos desmoronarem. Só lhe resta atuar incessantemente na defesa de seus ideais.

Na formação da psicologia do tipo brasileiro,

“não deve aí haver vencidos e vencedores; o *mestiço* congrou as raças e a vitória deve assim ser de todas as três. Pela lei da *adaptação*, elas tendem a modificar-se nele, que, por sua vez, pela lei da *concorrência vital*, tendeu e tende ainda a intergrar-se à parte, formando um tipo novo em que há de predominar a ação do branco.”<sup>46</sup>

Mas devemos nos lembrar de um fato crucial: o mestiçamento não se dá apenas fisicamente, ele é também - e fundamentalmente - um fenômeno “*espiritual e moral*”. “Estes fatos ficariam sem vigor para a história literária, se, ao lado do cruzamento físico, se não desse também o das idéias e sentimentos. A união neste solo de povos em tão variados estágios da inteligência influiu na psicologia do povo brasileiro”.<sup>47</sup>

O caráter brasileiro define-se não só por uma etnia nova, mas também por um *modo de sentir específico*. “A ação fisiológica dos sangues negro e tupi no genuíno brasileiro, explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento”.<sup>48</sup> Como se vê, embora predomine o tipo racial branco, as raças negra e índia deixam suas marcas ao lado da branca, por mais profundas e invisíveis que sejam. De fato, “não deve aí haver vencidos e vencedores”.

---

<sup>46</sup>Ibid., pp. 88-89.

<sup>47</sup>Ibid., pp. 56.

<sup>48</sup>Ibid., pp. 89.

No tocante à literatura<sup>49</sup> - locus privilegiado de expressão dessa etnia e desse sentir em formação - já se fazem presentes, segundo o autor, ecos dessa nova realidade:

“Quais são na poesia os agentes criadores e quais os transformadores? O agente *transformador* por excelência tem sido entre nós o mestiço, que por sua vez já é uma transformação; ele porém tem por seu lado atuado também como criador. Os *criadores* são diretos e indiretos e são as três raças e o mestiço.”<sup>50</sup>

Verificamos dessa maneira uma grande complexificação do modelo romeriano: o mestiço, produto da fusão racial e espiritual das três raças criadoras fundamentais, passa a atuar imediatamente como o agente transformador por excelência, mas *também* atua como novo criador. Mais uma vez, o efeito retroage como causa, em mais uma torção conceitual operada por Sílvio. Qualquer tentativa de interpretar o autor de um modo linear, portanto, está condenada ao malogro. A “causa” - as três raças - e o “efeito” - o mestiço - passam a conviver ao nosso tempo como agentes criadores.

Podemos dizer que a grande síntese “das raças e dos espíritos” permanece como um projeto voltado para o *futuro*. O mestiçamento, fenômeno capaz de gerar a especificidade do caráter nacional brasileiro, permanece como uma *tendência* amparada pelas leis da evolução biológica e social. Mas este amparo não é absoluto, uma constante vigília se faz necessária, pois as “circunstâncias anômalas” podem atuar negativamente. Mas apesar de tudo, Sílvio Romero expressa no livro primeiro a confiança de que o mestiçamento é um fato - não importa se bom ou ruim - praticamente consumado:

“O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem

<sup>49</sup>Não devemos esquecer que as tradições populares e o “folclore” também fazem parte da literatura, para Sílvio Romero (ver a discussão iniciada na página 25).

<sup>50</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 87.

elementos para acentuar-se com força e tornar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na América um grande destino cultur-histórico” (sic).<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup>Ibid., pg. 54. Não seria nem um pouco impertinente nos lembrarmos do interessante livro de Norbert Elias, *O Processo Civilizador*. No Capítulo primeiro, “Da sociogênese dos conceitos de ‘civilização’ e ‘cultura’”, o autor analisa os diferentes significados atribuídos a esses conceitos na França e na Alemanha durante os séculos XVIII e XIX basicamente. Diz Elias que a idéia de “civilisation” na França “manifesta a autoconfiança de povos cujas fronteiras nacionais e identidade nacional foram tão plenamente estabelecidas, desde séculos, que deixaram de ser tema de qualquer discussão, povos que há muito se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas” (pg. 25). Já na Alemanha carente de unidade política, o conceito de “zivilisation” fica em segundo plano diante da visão de “Kultur”: “enquanto o conceito de ‘civilização’ inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de ‘Kultur’ reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: ‘Qual é, realmente, nossa identidade?’ A orientação do conceito alemão de ‘Kultur’, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico”, in Norbert Elias, *O Processo Civilizador*, RJ, Zahar, 1990, pg. 25. Parece-nos haver uma grande afinidade entre o caso alemão e o brasileiro, desse ponto de vista. Basta lembrar que o movimento romântico alemão insistirá na idéia do “Volkgeist”, de uma maneira bem próxima àquela apontada por Sílvio Romero. A mesma angústia parece perpassar ambos os contextos, ou seja, a busca de uma identidade nacional, o desejo de deixar uma marca da individualidade de sua nação no amplo movimento civilizatório ocidental e universal.



## II PARA ALÉM DOS FATORES

### A) Os livros segundo, terceiro e quarto

Uma vez estabelecidos os pressupostos teóricos básicos de seu ambicioso trabalho, Sílvio começa a analisar a história da literatura no Brasil, ou uma parte dela. Mas começa advertindo que

“Não sendo o fito deste livro a pretensão de ser uma história exaustiva da literatura brasileira, *tendo só por alvo formular uma teoria geral de nossa intuição literária*, bem se compreenderá que nele não se agitem uns quantos problemas impertinentes, tais como: qual o primeiro ou os primeiros brasileiros que escreveram uma obra qualquer, e outros semelhantes. Obrigado a tratar somente dos espíritos autônomos e instigadores do pensamento nacional, nada tenho a falar sobre alguns enfastiados que, se diz, escreveram aqui no primeiro século alguns versos latinos, ou coisas de laia semelhante, que se perderam. São quase todos tipos mortos, estéreis, inúteis. Sufocados pelo culteranismo jesuítico, *desprendidos da consciência nacional, para cuja determinação nada contribuíram*, passaram a vida a versejar sensaborias e *não têm o direito de figurar na história.*”<sup>52</sup>

Trata-se de, através do estudo da literatura, tentar desvendar a “intuição” que a produziu. Mas um elemento novo e surpreendente aparece: a ênfase nos “espíritos autônomos e instigadores do pensamento nacional”.

<sup>52</sup>Ibid., pp. 128-129. Grifos nossos.

Isso nos obriga a aprofundar o conceito de literatura em Sílvio Romero.

“Uma literatura tem uma base, tem elementos e tem órgãos. A *base* da nossa é o sentimento brasileiro, como nação à parte, como produto étnico determinado; os *elementos* são as tradições das três raças, sem predomínio de uma sobre as outras; os *órgãos* são os nossos mais notáveis talentos, todos aqueles que sentiram como brasileiros.”<sup>53</sup>

Tínhamos abordado os dois primeiros níveis, agora nos vemos diante dos órgãos da literatura, que nada mais são que as individualidades representativas do sentimento nacional.

O fator humano é introduzido, a personalidade do autor surge como um fator constitutivo da obra literária.<sup>54</sup> Embora haja uma margem de liberdade para a manifestação da pura subjetividade do escritor, é tarefa primordial deste dar conta da complexidade do povo brasileiro, em seu processo de mestiçagem. Podemos até dizer que o valor de sua obra, a perenidade dela, reside no fato da mesma estar ou não próxima de ser uma expressão da sua “base”. “Sentir-se como brasileiro” é se converter em um instrumento ativo da manifestação do espírito nacional; ativo porque o escritor nunca será anulado como indivíduo, apenas se inspirará nos sentimentos comuns de seu povo, dando-lhe voz.

Fazer a história da literatura brasileira, assim, não significa se deter em questões filológicas ou cronológicas, verdadeiros

---

<sup>53</sup>Ibid., pg. 144. Grifos do autor.

<sup>54</sup>Em um outro trabalho, Sílvio escreve: “Eu defini uma vez uma obra literária: um *canto da natureza visto através de um temperamento*; ficamos sempre longe da certeza matemática; temos, porém, ao menos um instrumento de crítica, que pode prestar grandes serviços, impedindo-nos de perder-nos nas fantasias das preocupações sistemáticas”, in Sílvio Romero, “sobre Émile Zola”, in *O Naturalismo em Literatura* (1882); artigo também publicado em Antonio Candido, *Sílvio Romero: Teoria, crítica e história literária*, op. cit., pg. 98.

”preciosismos inúteis”, mas implica em um processo necessariamente *seletivo*. Afinal, para Sílvio a própria história humana não é regida pela concorrência vital e seleção dos mais aptos? Pois o mesmo se aplica no caso da literatura: apenas merecem a imortalidade literária aqueles que conseguiram captar o sentimento do seu povo e da sua época. Os demais, serão impietosamente condenados ao esquecimento pela história, essa carrasca e implacável juíza. É precisamente nesse sentido que a literatura deve ser encarada como um organismo vivo, sujeito às leis biológicas de evolução e sobrevivência dos mais aptos. Se o elemento humano põe em cheque qualquer determinismo simples aplicado à literatura, não obsta o fato da mesma ser tida como um organismo biológico.

Temos agora a cadeia aparentemente completa: a concepção de literatura como um organismo tendo uma base, elementos e órgãos nos permite fazer a ponte necessária entre os escritores representativos com suas obras e o desvendamento do espírito mais profundo que os inspirou. Finalmente, a literatura nacional pode ser lida para além de si mesma, como um documento que desvenda - ainda que parcialmente - a “intuição”, o sentimento nacional do qual ela é antes de tudo, expressão.

A partir dessas concepções, podemos agora apresentar a “divisão natural da história da literatura brasileira”, a qual pretende seguir:

- *Período de formação* (1500-1750);
- *Período de desenvolvimento autônomo* (1750-1830), onde, principalmente em Minas Gerais, já há um esforço de autonomia dentro dos limites das forças e das tradições étnicas do momento;
- *Período de transformação romântica* (1830-1870), que apesar da “imitação dos franceses”, teve o mérito de nos libertar do “jogo estéril dos portugueses”;
- *Período de reação crítica* (1870 em diante), época de “reação crítica e naturalista, em que buscamos de novo nossas tradições

à luz de idéias realistas, procurando harmonizar umas com as outras".<sup>55</sup>

Foge aos objetivos da nossa pesquisa uma análise atenta e detalhada de cada escola, de cada período, de cada autor abordados por Sílvio. A um trabalho mais pontual e preciso sobre a *HLB* caberia essa tarefa. Destacaremos apenas alguns pontos que nos parecem ser essenciais para o prosseguimento da atual interpretação.

A todo momento, a cada três ou quatro páginas, Sílvio Romero enfatiza novamente suas idéias. De fato, não lhe interessam as obras literárias em si, mas sim sua *significação profunda*:

"A história da literatura brasileira não passa, no fundo, da descrição dos esforços diversos do nosso povo para produzir e pensar por si; não é mais do que a narração das soluções diversas por ele dadas a esse estado emocional; não é mais, em uma palavra, do que a solução vasta do problema do nacionalismo."<sup>56</sup>

Logo, nada mais imperdoável e execrável em um escritor ou poeta do que o artificialismo, do que a emoção produzida ilegitimamente.

"Se, no meio das grandes lutas d'alma, a poesia irrompe espontânea, ela é sagrada e imponente; se é procurada como calmante é ridícula e frívola. Por isso, quando a prostração é possível e iniludível, o poeta parece uma profanação."<sup>57</sup>

A condição para que o poeta seja autêntico em seus versos e sentimentos não é este possuir apenas a consciência de pertencer a um povo. É preciso pertencer *de fato* a uma raça, a uma etnia, a um povo, colocar-se como indivíduo em choque contra o "sentimento nacional" e contra o próprio "sentimento do

<sup>55</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 8.

<sup>56</sup>Ibid., pg. 181.

<sup>57</sup>Ibid., pg. 242.

“mundo”, assim como compartilhar deles em outros momentos. É preciso aceitar entrar em luta com as poderosas forças tanto das paixões coletivas quanto das paixões individuais, reconhecer-se como alguém que será tomado por esses movimentos e até guiado por eles.

“Ser brasileiro não é descrever o Pão de Açúcar, a Tijuca, a Ilha da Maré, ou a Cachoeira de Paulo Afonso. Cenas destas ninguém as descreveu melhor do que Dranmor, poeta alemão, que residiu entre nós. Ser brasileiro é sê-lo no âmago do espírito, com todos os nossos defeitos e todas as nossas virtudes. É ter em si um que indefinível mas real, que é só nosso, que ninguém mais tem.”<sup>58</sup>

Esse algo “indefinível que é só nosso” não pode ser reduzido a processos lógicos da consciência. Ele os transcende e muito. Compartilhar desse sentimento indefinível seria o que define o grande escritor, o autêntico “representative man” como fala o próprio Sílvio.

Fiel ao seu conceito de literatura, Sílvio Romero não esboçará somente uma história dos escritores, romancistas e poetas. Falará sobre brasileiros que se tornaram representativos como artistas, cientistas naturais, historiadores, juristas, economistas, publicistas, oradores, lingüistas, moralistas, biólogos, teólogos, literatos, etc.

Além do padre José de Anchieta, que reputa apenas ter sido o nosso ponto de partida, reconhece quatro grandes momentos de nossa história literária. O primeiro foi Gregório de Mattos, pertencente à Escola Baiana do século XVII. Ao contrário do seu contemporâneo, o padre Vieira, na alma zombeteira e irônica de Gregório de Mattos nota-se a ausência do artifício literário, os primeiros ecos de uma incipiente alma nacional.

O segundo grande momento é aquele da Escola Mineira do século XVIII. Coincidindo não casualmente com a Inconfidência,

---

<sup>58</sup>Ibid., pg. 156.

já demonstra um maior amadurecimento de Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa. A respeito desse último, "... nele sente-se a alma brasileira com todos os seus desalentos, com todas as suas mágoas, mas também com todas as suas audácias".<sup>59</sup>

O terceiro momento é o advento das primeiras gerações românticas, e o quarto caracteriza-se pelo "romantismo crítico", já um período de transição para um outro tipo. Desse último momento faz parte o jovem Tobias Barreto, como poeta, que mais tarde integrará a Escola do Recife, sendo o grande amigo e mestre de Sílvio Romero.

Não ao acaso, esses grandes períodos coincidem com surtos de prosperidade econômica mais ou menos definidos. É a articulação entre meio social e processo evolutivo das raças mais uma vez acontecendo.

## B) Determinismo e relativismo

Detenhamo-nos um pouco sobre as relações entre a natureza e o espírito humano em Sílvio Romero. Começemos com a feroz crítica feita por Sílvio à idéia do gênio individual:

"O gênio era uma entidade humana bastante parecida com os gênios da poesia e da fábula; desprendido da realidade e das circunstâncias exteriores, escapava à pressão do meio físico e social; era um *espírito* a mover-se *livre* num mundo à parte. Estas idéias caducaram; rimo-nos hoje delas; a humanidade procede por *evolução*; tudo em sua marcha se acha concatenado e sujeito à lei do desdobramento. Lyell refutou a teoria revolucionária em geologia, Darwin a banuiu da biologia e Comte e Spencer da história."<sup>60</sup>

A frase acima exprime uma forte desconfiança quanto ao poder do livre arbítrio humano. Antes de surgirem espontaneamente como obra do acaso ou da pura vontade do homem, os

<sup>59</sup>Ibid., pg. 234.

<sup>60</sup>Ibid., pg. 305. Grifos do autor.

fenômenos são interpretados como produtos de causas que lhe são externas.

Mas Sílvio Romero não cai em um determinismo rígido. Tentamos mostrar como a lei de evolução das três raças tende a levar à formação de um novo tipo mestiço *desde que* uma dada configuração de fatores permaneça estável. Alterado esse jogo de forças, uma outra evolução se dará, pautada por outras leis que lhe serão próprias.<sup>61</sup>

Logo, uma profunda consciência da instabilidade do movimento histórico se encontra na base das teses de Romero. O homem desperta para a história, percebe que ele também está sujeito às mesmas transformações incessantes que atuam sobre

---

<sup>61</sup>É importante ressaltarmos o conceito de causa que está em jogo. Embora não seja um discípulo das idéias positivistas, é marcante a influência de Comte sobre Sílvio Romero, especialmente quanto a este ponto: em Comte, o conceito de causa é uma idéia da razão, que pressupõe o abandono da busca de causas finais e primeiras e procura apenas as relações necessárias entre os fenômenos, ou seja, as leis gerais. Logo, entre os eventos "A" e "B" *deve haver* uma conexão logicamente dada, e é sobre esta que o trabalho de investigação deve se dar; a pergunta sobre as origens do fenômeno "A", bem como sobre o porquê da ocorrência do mesmo tornam-se questões irrelevantes. Assim, Comte formula genericamente o conceito de lei como uma "relação constante de sucessão e similitude", caracterizada formalmente pelo esquema "se ... então". Explicando melhor: uma vez dadas certas condições, os resultados lógicos que se seguirão serão passíveis de previsão. Previsibilidade e necessidade só são possíveis se forem apresentadas estas condições anteriores. Se for dada a configuração "A", *então* certas leis determinarão que se obtenha o resultado "B". Se a configuração for "C", outras leis atuarão e outra será a conclusão. A lei é derivada da relação entre "A" e "B", descoberta sempre a partir da *observação* dos fenômenos - sem cair em um empirismo simples. Para um esclarecimento mais amplo, consultar o *Curso de Filosofia Positiva*, de Comte, publicado em *Os Pensadores*, SP, Nova Cultural, 1988. Quando Sílvio Romero se refere à lei de evolução das raças, parece-nos que toma exatamente os pressupostos de Comte. A procura dos nexos causais não significa uma determinação absoluta sobre a gênese e o dever ser dos fenômenos, mas uma análise das relações necessárias que se processam uma vez dada uma certa articulação de forças. Usamos o termo "causa" neste trabalho precisamente segundo o significado acima.

as outras espécies e sobre o universo. Não estamos mais “soltos no mundo”, agora sofremos a ação do meio, da natureza, da fisiologia, das gerações que nos antecederam, etc. Tudo se move, pois tudo está em transformação: o homem perde o estatuto de eternidade e cai no tempo.

Paradoxalmente, as causas ou os fatores que determinam a história da formação do caráter nacional brasileiro e da literatura que o expressa, só são passíveis de conhecimento porque se aplicam a uma realidade específica. O determinismo, assim, é posterior à constatação da “relatividade histórica” de uma certa configuração de fenômenos.

Mas há uma complicação adicional.

“Os fatos históricos não brotam do chão, como a erva dos campos; não descem também das nuvens, como as deidades da poesia. Eles são antes o vai-vem das paixões, o fluxo e refluxo das idéias; estas rompem dos cérebros, e põem-se ao serviço do braço dos que lutam e trabalham. Uma história sem homens é como uma astronomia sem astros, uma física sem corpos.”<sup>62</sup>

Se as idéias são produto de fatores externos que atuam sobre uma dada situação que lhes antecede, como é possível que estas se coloquem “a serviço do braço dos que lutam e trabalham”?

Uma “retroalimentação” ocorre: de efeitos que são, ‘as idéias passam a atuar como causas, como fatores, fazendo da história um complexo movimento. Há uma possibilidade constante de reversibilidade causal, ou de transformação incessante.

Este é precisamente o ponto em que faz sentido enunciarmos o pressuposto-chave do qual parte Sílvio Romero: a convicção de que a história humana e a história em geral são regidas pela *evolução transformista*. Sendo uma síntese complexa e sempre aberta para o futuro, ela não se define como sendo puramente objetiva ou puramente subjetiva. Ou seja, ao mesmo tempo

---

<sup>62</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 339.

em que as idéias humanas são objetivamente determinadas, elas também atuam “subjetivamente” no processo histórico-evolutivo como causas transformadoras.

Não somos escravos da natureza, nem podemos ser totalmente livres dela. O mesmo modelo pode ser pensado com relação à literatura: sendo ela uma expressão do caráter nacional de um povo, pode também atuar como causa transformadora desse caráter. Ou com relação ao meio social: se somos influenciados por ele, podemos atuar como agentes transformadores do mesmo. E assim por diante.

Vemos que, de fato, Comte e Spencer são os dois grandes modelos de Sílvio Romero, ainda que este não os siga inteiramente.

É dado ao homem um estatuto de agente transformador do processo histórico universal, mas ao mesmo tempo lhe é conferida uma condição de finitude muito grande:

“... A lei do desenvolvimento que rege o universo tem as suas mais belas aplicações justamente nos produtos do espírito humano. Toda conquista da inteligência é apenas um dos termos de uma série indefinida, um corolário, um produto, às vezes inconsciente, de forças que harmonicamente se desenrolam...”<sup>63</sup>

Claro está que há uma fissura entre as ciências naturais e as “ciências do espírito”. As segundas são “quase ciências”, pois “o espírito humano é tão rico de qualidades, tão variado em suas manifestações, quer individual, quer coletivamente, que se torna impossível definir um povo ou indivíduo em uma simples fórmula de crítica”.<sup>64</sup>

A literatura deve se apoderar da intuição e dos métodos da ciência, mas não deve se tornar uma ciência. Com o aparato das ciências naturais, o jogo das paixões apenas se tornará mais compreensível. Mas diferentemente do cientista, o romancista

---

<sup>63</sup>ibid., pp. 373-374.

<sup>64</sup>Ibid., pg. 534.

tem como papel “levantar uma obra de arte sobre os dados da observação. Como o escultor, deve partir da natureza, mas em suas obras há de palpitar um largo ideal civilizador”.<sup>65</sup>

Eis o objetivo maior da literatura:

“O progresso, as nobres expansões das qualidades humanas devem ser o seu alvo. *A literatura faz pelo sentimento o que a ciência faz pela razão: - liberta o homem e estimula-o a sonhar e trabalhar para um estado melhor*; uma maior confiança em nossos desígnios, em nossas faculdades, em nosso futuro. Fora daí tudo pode ser muito bom, muito bem burilado, mas eu deixo de compreender e comigo grande porção da humanidade.”<sup>66</sup>

A literatura e a ciência, atuando como causas transformadoras do real, são promessas de liberdade para o homem.

---

<sup>65</sup>Ibid., pg. 534.

<sup>66</sup>Sílvio Romero, “Sobre Émile Zola”, op. cit., pg. 100.

### III A IMPORTÂNCIA DA CRÍTICA

#### A) A inovação da crítica romeriana

O conceito de literatura cunhado por Sílvio Romero choca-se frontalmente com o modelo de crítica literária praticado pelos seus antecessores e até por alguns de seus contemporâneos. Reduzindo-se à exaustiva pesquisa erudita, como Varnhagen, ou inspirando-se na *Retórica* e na *Poética* de Aristóteles, como Fernandes Pinheiro e outros, esses críticos, segundo Romero, conferem extrema importância aos detalhes anedóticos de cada autor em pauta, do mesmo modo que definem como tarefa primordial da crítica literária a análise formal da obra como uma unidade em si. O estudo do “gosto”, do “belo”, do “engenho”, da construção interna da obra segundo as normas que lhe são próprias levam o crítico a adotar uma postura de passividade e “imparcialidade” diante do seu objeto.<sup>67</sup>

Inspirado pela renovação crítica instituída pelos pensadores alemães, bem como pela profusão das teorias científicas de seu tempo, Sílvio se dedicará com ardor ao projeto de redefinição da idéia de crítica literária no Brasil. O trecho que se segue, freqüentemente citado pelos seus comentadores, nos dá uma idéia mais ou menos precisa de como o autor concebe esse momento:

“... Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da pejeja foi ainda mais formidável porque o atraso era

---

<sup>67</sup>Para uma discussão mais precisa e ampla, consultar Antonio Candido, *O método crítico de Sílvio Romero*, op. cit., capítulo I: “A crítica pré-romeriana e o ‘modernismo’”.

horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos; hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, *folclore*, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da 'Escola do Recife'." <sup>68</sup>

Referindo-se ao decênio 1868-1878, época de constituição e florescimento da Escola do Recife, Sílvio revela a percepção de um mundo velho que desmoronava, onde todas as certezas de outrora se desestabilizavam diante do "bando de idéias novas" que entrava em cena. Tornara-se impensável a literatura segundo os modelos tradicionais e, conseqüentemente, os instrumentos da crítica literária necessitavam de urgente reforma. Afinal, a obra literária é um organismo vivo, produto do caráter específico de um povo, e não num conjunto de fórmulas rígidas e estruturas formais decodificadas quase tecnicamente.

Pela primeira vez em nossas letras, como ressalta Antonio Candido, Romero apresenta uma visão filosófica capaz de conferir unidade à história literária. Ponto de articulação, como vimos, de diversos níveis em um complexo processo de "evolução transformista", a história da literatura brasileira é um testemunho vivo da epopéia da formação da alma nacional. Conheçê-la, compreender a atuação dos vários fatores sobre ela bem como identificá-la como causa retroagente impõem-se como tarefas fundamentais da crítica literária. Podemos até ir além: longe de se restringir apenas a análises formais, cabe à crítica o papel importantíssimo de *atuar* como fator para o progresso social de um povo, ajudando a compreender os profundos meandros que

---

<sup>68</sup>Sílvio Romero, "Explicações indispensáveis", in Tobias Barreto, *Vários escritos*, pp. XXIII-XXIV.

dão movimento e conferem uma certa direção à evolução dos fenômenos.

## B) O juízo de valor

A *HLB* pode ser entendida como o lugar privilegiado de aplicação da crítica romeriana, ainda que o autor só tenha definido mais nitidamente em termos conceituais o que entende por crítica em um artigo de 1909, "Da crítica e sua exata definição".<sup>69</sup> Partimos do pressuposto da inviabilidade de se pensar linear e mecanicamente a produção de conceitos explicativos de um autor. Mesmo sistematizada vinte anos depois, uma noção de crítica mais ou menos idêntica a que aparece no texto de 1909 já se fazia presente na *HLB*.

"A crítica não é um sistema, uma teoria, uma doutrina feita e completa, uma ciência", mas "... é apenas um processo, um método, um *controle*, que se deve aplicar às criações do espírito, em todos os ramos de sua atividade."<sup>70</sup> Sílvio aponta que, etimologicamente, a palavra "crítica" vem do grego "krinein", que pode ser traduzido como "julgar".

Esse controle, esse julgamento é exercido pela crítica diante da ciência, das artes, da política, do direito, etc. Logo, aplicada às diversas manifestações da literatura, a crítica se torna crítica literária, que não se confunde com história literária.

Mas como se dá esse controle? Ele não pode se dar arbitrariamente, deve se alicerçar sobre uma análise detida do fenômeno ao qual se volta; a crítica "... se encarrega praticamente de verificar se as leis que regem as criações espirituais foram convenientemente utilizadas pelos que delas escreveram".<sup>71</sup>

A crítica define-se muito mais como uma metodologia, um procedimento de juízo, do que pelos conteúdos que possa as-

<sup>69</sup>Reproduzida na terceira edição da *HLB*, de 1943, através da iniciativa de Néelson Romero (op. cit.).

<sup>70</sup>Sílvio Romero, "Da crítica e sua exata definição", op. cit., pp. 330-331.

<sup>71</sup>Ibid., pg. 336.

sumir. Ela faz parte da ciência da lógica, capaz de, a partir do estudo dos fatores que geram um dado produto da razão ou do sentimento humano, verificar até que ponto um escritor tem consciência desse processo e produz uma obra a sua altura. É bom insistirmos nessa tecla: a crítica é “a parte da lógica aplicada, que, estudadas as condições que originam as leis que regem o desenvolvimento de todas as criações do espírito humano, científicas, artísticas, religiosas, políticas, jurídicas, industriais e morais, verifica o bom ou mau emprego feito de tais leis pelos escritores que de tais criações se ocuparam”.<sup>72</sup>

Mesmo acentuando o caráter metodológico da crítica, Sílvio não deixa de reconhecer a necessidade desta se pautar pelos critérios da ciência, pois para julgar é preciso conhecer a situação de um modo preciso e objetivo.

Quanto à história da literatura brasileira, a atuação do critério se dará do seguinte modo: uma vez analisados os fatores que determinam o processo de formação do caráter nacional, o crítico verificará se o escritor ou se o poeta em questão está sendo fiel, “representativo” deste processo ou não. Em caso negativo, não merece figurar em nossa história literária, pois não expressou a autonomia do nosso espírito em formação.

Evidentemente há margem para a subjetividade do autor, mas há uma “subjetividade” mais forte e profunda que o toma, expressando-se ao mesmo tempo que a primeira. Na verdade, o indivíduo também é produto da tradição, do povo ao qual pertence. Seu valor como escritor ou poeta reside no grau de intensidade, beleza e fidelidade com que expressa, na maior parte das vezes inconscientemente, o “sentir” específico do seu povo.

Sílvio Romero está munido, assim, de um método de controle e de seleção dos autores. A finalidade da crítica não é, segundo ele, se perder em discussões formais “estéreis”, mas contribuir para a determinação do valor histórico de cada escritor. Posteriormente à análise científica dos fatores determinantes, tem

---

<sup>72</sup>Ibid., pg. 336.

lugar um *juízo de valor* sobre a “representatividade” maior ou menor do autor, ainda que “valor”, aqui, tenha como medida critérios que acredita objetivos.

Mas esse juízo de valor não se esgota em si. Como foi visto, a ciência e a literatura têm a potencialidade de, atuando como causas transformadoras, libertarem o homem do jogo absoluto das forças externas. Isso devido ao fato de, após serem constituídos como efeitos, ciência e literatura passam a atuar como essas causas. A crítica, exercendo seu controle sobre as produções do espírito humano, está contribuindo decisivamente para que o poder de atuação dessas produções como causas transformadoras seja mais eficiente, mais seguro e mais positivo. Ao determinar o valor preciso das obras, está-se gerando uma reação em cadeia que tende a conduzir a evolução dos fenômenos a um melhor caminho para o homem.

É preciso conhecer os fatores determinantes, os nexos causais, para que se possa atuar indiretamente como agente modificador. A ênfase sai do conceito e se desloca para a ação, para a vontade de transformação.

Arriscamos dizer que Sílvio Romero se vê como alguém que, ao tentar sistematizar, classificar e determinar os fatores que “causam” o caráter nacional brasileiro, está dando sua contribuição para o fortalecimento efetivo deste. A consciência é fundante: ao apontar os perigos da concentração dos imigrantes alemães no sul do Brasil, ou ao alertar sobre as urgentes mudanças que deveriam ser efetuadas no meio sócio-econômico, Sílvio tenta demonstrar como é perigoso não estarmos atentos para esses fatos, que mais tarde poderão causar sérios e irreparáveis danos para o povo brasileiro.

O fascínio pela sistematização e pela explicação racional e científica dos fenômenos relaciona-se com a angústia gerada pela consciência da relatividade histórica, pela percepção de estar submetido a um processo evolutivo e temporal sem fim definido. A especificidade do Brasil está em vias de acontecer, mas qualquer perturbação maléfica pode decretar a sua precoce extinção.

Usando a ciência como *meio*, deve-se tentar aumentar ao máximo o controle do homem sobre esse processo. Diante de um universo onde a desordem ameaça a todo momento a ordem, devemos apostar tudo o que possuímos em nossa própria sobrevivência. “Todo escritor nacional na hora presente está carregado do imperioso dever de dizer toda a verdade a nosso povo, ainda que pelo rigor tenha de desagradar geralmente”.<sup>73</sup>

Não é sem propósito que Nicolau Sevcenko identifica os membros da “geração de 1870”, entre eles Sílvio Romero, como “mosqueteiros intelectuais”.

---

<sup>73</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 99.

## CONCLUSÃO

### A) O sentido da identidade nacional

A especificidade do povo brasileiro, para Sílvio Romero, é uma realidade em construção, via mestiçamento físico e moral. Ainda segundo o autor, somente tomando consciência disso é que os agentes podem atuar também como fatores positivos para esse processo. No entanto, levemos os pressupostos de Sílvio às últimas conseqüências, como ele mesmo o faz.

No fundo, não se trata de cairmos na pura apologia da nação. Nada mais irritante aos olhos do autor que a tese romântica do nacionalismo em literatura. Antes, uma consciência universalista, que leve em conta o todo da espécie humana, é que deve prevalecer. Como indica Antonio Candido acerca da definição do “ideal poético” expresso por Sílvio Romero no artigo “A literatura brasileira e a crítica moderna”, de 1880, importa para nosso autor “encarar o homem em relação com a natureza, a humanidade, o universo, a civilização, a liberdade, acima respectivamente das raças, dos continentes, dos sistemas, dos preconceitos”.<sup>74</sup>

Para compreendermos o sentido do caráter nacional brasileiro, retomemos mais uma vez o esquema exposto páginas atrás. Ampliando ao máximo a questão, toda a humanidade está sujeita a um mesmo processo evolutivo e transformador. Esse movimento global produziu povos com grande força de caráter e de gênio - como o francês, o alemão, o inglês. Por sua vez,

---

<sup>74</sup> Antonio Candido, *O método crítico de Sílvio Romero*, op. cit., pg. 48.

esses povos passam a atuar agora como causas capazes de dar novo sentido a esse processo evolutivo. No caso brasileiro, a importância da realização da tendência ao mestiçamente levando ao nascimento de um povo forte e valoroso só tem sentido se pensarmos que este povo também deixará sua contribuição para o patrimônio comum da humanidade.<sup>75</sup>

Marcar gloriosamente o seu nome na história universal, se immortalizar através do tributo que visa enriquecer o conjunto da humanidade, atuar como fator decisivo para o aprimoramento da espécie e do cosmos, eis os sublimes fins de um povo, para nosso autor. Mas, no tocante ao Brasil, todas as nossas forças ainda devem convergir para um estágio anterior, aquele da definição da identidade da nação brasileira. Sem a efetivação desse momento, o brasileiro estaria condenado impiedosamente ao desaparecimento.

“A filosofia política e social não se funda na idéia da autoridade; não quer a *ditadura* em nome do rei, nem em nome do monopólio da ciência, como pretende certo oportunismo incongruente; funda-se antes na idéia da luta. Há uma seleção social, como existe na natural. Este transformismo em Darwin tem duas faces, a adaptação normal, hereditária, conservadora, e a adaptação cenogenética, em que o mais forte devora o mais fraco, a *adaptação revolucionária*. Esses dois processos são indispensáveis: evolução e revolução, a natureza e a consciência.”<sup>76</sup>

Ação e reação, movimentos eternos que impulsionam o universo e que encontram na “evolução transformista” a sua encarnação.

---

<sup>75</sup>Nunca é demais lembrar que a idéia de povo não é uma entidade abstrata. Por “povo”, Sívio Romero se refere a um “modo de sentir” e de conceber o mundo específico e irredutível a qualquer outro. O indivíduo, quando se deixa tomar por esse sentimento único, na maior parte das vezes de modo inconsciente, está realizando o “povo” dentro de si e através de suas obras.

<sup>76</sup>Sívio Romero, *HLB*, pg. 106.

Apesar de tudo, a dúvida, a incerteza, a hesitação permanecem em Sílvio Romero. Não raro, cai na constatação desesperançosa:

“Um povo que nada produz na ordem das idéias é um povo estéril e inútil para a Humanidade. Na ordem das idéias as mais importantes são as científicas, e por isso o povo que nada fundou nas ciências pouco tem o direito de viver na história. O Brasil nada de notável, de saliente tem produzido até agora no terreno de que falo: quero dizer, não existem doutrinas, teorias ou grandes fatos novos que entrassem para o patrimônio geral da humanidade levados pelos brasileiros.”<sup>77</sup>

As suas contradições - ou paradoxos - o seu caráter agitado e às vezes truculento como escritor, as constantes repetições de idéias e conceitos ao longo de seus textos, gerando a sensação de um turbilhão vertiginoso, a imensa produção ao longo de sua vida são as marcas de Sílvio Romero, rastros de um homem que jamais deixou de acreditar no poder transformador das idéias: “As que ele aceitava constituíam o seu partido, enquanto as outras, as que ele repelia, formavam o partido contrário. E então entregava-se ao seu partido, lutava por ele como se defendesse a própria vida”.<sup>78</sup>

De fato, Sílvio Romero compreendia a sua época como um desafio constante a ser enfrentado:

“...Ser escritor, especialmente em nosso tempo de luta e movimento, não é garatujar em segredo tiras de papel e ir acumulando nas gavetas, nas pastas ou aos cantos da casa; ser escritor é perseguir um ideal, é traçar um plano de jornada e ir por ele em fora, é defender uma causa, - é ter o instinto da combatividade literária e científica sempre alerta; ser escritor é essencialmente ser um lutador sempre na brecha no meio de seu grupo, de seus camaradas, dando a mão

---

<sup>77</sup> Ibid., pg. 324.

<sup>78</sup> Sílvio Rabello, *Itinerário de Sílvio Romero*, RJ, José Olympio Editora, 1944, pg. 50.

aos que desfalecem, sem arredar a arma da face do inimigo. Cada livro, cada opúsculo, cada brochura, que se publicam são outros tantos atos, outras tantas ações da grande peleja.”<sup>79</sup>

## B) A possibilidade de outras questões

Encerrado nosso percurso, é salutar retomarmos nosso ponto de partida e tecer algumas considerações finais.

Tentamos mostrar no início deste trabalho como a produção intelectual brasileira do fim do século XIX não assume o estatuto de simples passividade diante das doutrinas científicas das quais se nutre. No caso de Sílvio Romero, podemos afirmar que há um *agenciamento* de tais teorias, tendo como finalidade dirigente o desejo e a necessidade de domar as incertezas e os temores que se apresentavam como primordiais e urgentes para o autor.

Sílvio Romero articula uma rede densa de conceitos e significados, a partir da qual confere inteligibilidade ao universo que o circunda. Se a identidade nacional brasileira é entendida por Sílvio Romero como uma realidade em vias de constituição, podemos dizer que o próprio pensamento de Romero se define como a busca da construção de uma certa realidade. Diante da ausência de pontos fixos e da incerteza quanto ao presente e ao futuro, nosso autor tece seu discurso tendo como impulso o desejo de superar a desordem reinante.

Evidentemente, não esgotamos o problema. Se nos lembrarmos novamente de Deleuze, veremos que uma certa estrutura de problemas não se esgota em cada uma das respostas, mas “insiste e subsiste” nelas.<sup>80</sup> Parafraseando-o diremos que muitas outras articulações devem ser feitas, para quem quiser empreender um mapeamento mais exaustivo das questões em jogo para a “geração intelectual de 1870” e para o próprio Sílvio Romero.

Em outros registros, o problema se coloca segundo outros

<sup>79</sup>Sílvio Romero, *HLB*, pg. 652.

<sup>80</sup>Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, op. cit.

parâmetros: as intensas polêmicas travadas na época - sendo uma das mais célebres a disputa entre Sílvia Romero e José Veríssimo -, as atuações políticas efetivas desses intelectuais - convém dizer que Sílvia Romero foi deputado federal -, dentre tantos outros aspectos, apontam para outras respostas.

A própria existência de outros problemas, além do detectado por nós - a identidade nacional - certamente são constitutivos do universo sobre o qual nos detivemos parcialmente. Voltamos nossa atenção para a sugestão de um possível ponto de vista sobre Sílvia Romero e sobre o sentido de sua obra. Outros testemunhos provavelmente surgirão.



BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. 1975 - *História concisa da Literatura Brasileira*, SP, Cultrix, 2ª edição.
- BROCA, Brito. 1975 - *A vida literária no Brasil - 1900*, RJ, José Olympio, 3ª edição.
- CANDIDO, Antonio. 1978 - *Sélio Romero: teoria, crítica e história literária*, SP, EDUSP, Livros Técnicos e Científicos. 1988 - *O método crítico de Sélio Romero*, SP, EDUSP.
- CARVALHO, José Murilo de. 1987 - *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*, SP, Companhia das Letras.
- COMTE, Augusto. 1830 - *Curso de Filosofia Positiva*, publicado em 1988 in *Os Pensadores*, SP, Nova Cultural, trad. Miguel Lemos e José Arthur Gianotti.
- DELEUZE, Gilles. 1988 - *Diferença e Repetição*, RJ, Graal, trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado.
- ELIAS, Norbert. 1990 - *O Processo Civilizador: uma história dos Costumes*, RJ, Zahar, Trad. Ruy Jungmann.
- GEERTZ, Clifford. 1978 - *A interpretação das culturas*, RJ, Zahar, Trad. Fanny Wrobel. 1983 - "The way we think now: toward an Ethnography of modern thought", in *Local knowledge. Further essays in interpretative anthropology*, New York, Basic Books, pp. 147-163.

- GOLDSCHMIDT, Victor. 1963 - "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos", in *A Religião de Platão*, SP, Difusão Européia do Livro.
- RABELLO, Sílvio. 1944 - *Itinerário de Sílvio Romero*, RJ, José Olympio Editora.
- ROMERO, Sílvio. 1902 - *História da Literatura Brasileira*, RJ, H. Garnier Livreiro Editor, 2ª edição melhorada pelo autor, tomos I e II.
- 1926 - "Explicações indispensáveis - Prefácio", in BARRETO, Tobias - *Vários escritos* (org.), SE, Editora do Estado de Sergipe.
- 1969 - *Obra Filosófica*, introdução e seleção de Luis Washington Vita, RJ/SP, José Olympio Editora / EDUSP.
- SEVCENKO, Nicolau. 1985 - *A literatura como missão: tensões sociais e produção cultural na Primeira República*, SP, Brasiliense, 2ª edição.
- SKIDMORE, Thomas. 1976 - *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, RJ, Paz e Terra.
- TAINE, Hippolyte. 1905 - *Histoire de la Littérature Anglaise*, Paris, Librairie Hachette et cie., douzième édition, Tome I.
- WEBER, Max. 1982 - "A 'objetividade' do conhecimento nas Ciências Sociais", in *Coleção Grandes Cientistas Sociais - Weber*, SP, Ática, org. e trad. Gabriel Cohn.